



Banco de Imagens

e efeitos visuais
Laboratório de Antropologia Social-UFRGS

No tempo dos burros

"Naquele tempo um passeio ou uma viagem de negócio a qualquer um dos arrabaldes servidos por bondes era de fazer um pobre diabo, que se metia num desses carros, criar cabelos brancos. E isto desde o início do tráfego.

Quando em 1873 começaram as corridas de bonde, a cidade exultou e vibrou de entusiasmo, não só pela utilidade que ellas traziam como pela novidade.

Breve, porém, o entusiasmo amorteceu.

O serviço de bondes começava com um mau signo. A imperícia dos cocheiros dava lugar a constantes paradas e repetidos descarrilamentos. O espírito ganancioso dos paredros da companhia, ocupado com os cálculos dos lucros, não se lembrou de marcar a lotação dos carros, estes recebiam três vezes mais passageiros que os que podiam comporta, de maneira que os pobres burrinhos, que não eram de ferro, nem sempre podiam arrastar com facilidade aquele mundo de gente, e empacavam miudamente, dando lugar a que o bolieiro, supondo os "burros de pão" lhe caísse em cima com chicotações de criar bicho (...)"

Achylle Porto Alegre. Serões de inverno, Porto Alegre, Editora Selbach, 1923, p. 166.